

Reflexões sobre as línguas do mundo e uma língua do Caribe

Walmírio Macedo, da ABF , UERJ e USU

É informação corrente que há no nosso planeta cerca de 2796 línguas faladas. É de se crer que esse número esteja defasado para menos, pois pode haver outras línguas que ainda não foram descobertas ou ainda são desconhecidas.

Por outro lado, naquele total acima apresentado, não está incluída uma série de dialetos que podem chegar à casa dos 7000. Em publicação do Jornal do Brasil, em excelente reportagem, na edição de 13 de julho de 1997, os dados davam conta da existência no mundo de 6528 línguas.

Embora a importância de um idioma não deva ser avaliada pelo número de falantes, suponho importante a informação de que não chega a 150 o número de línguas faladas por mais de um milhão de pessoas.

Entre as mais faladas, está em primeiríssimo lugar o chinês e, a seguir, sem indicação de ordem maior para menor, o português, o inglês, o russo, o espanhol, o francês, o japonês, o alemão, o árabe, o italiano, o romeno, o grego, o holandês etc..

Deixamos de dar o número de falantes para cada um desses idiomas pelo fato de que as informações se alteram de ano para ano e são muito divergentes.

O chinês é o campeão de falantes, possivelmente ultrapassando um bilhão de usuários, mas com concentração local.

O inglês é, no entanto, falado numa faixa muito maior que o chinês, levando-se em conta a diversificação de superfície no mundo.

O espanhol, por sua vez, é falado em toda a América do Sul, com exceção do Brasil, no México e na Espanha. Mesmo assim o português, considerando-se só a América do Sul, deve ter maior número de falantes nesta região que o espanhol.

O português, segundo dados da Unesco, de 1997, deve ter cerca de 210 milhões de falantes e vive em territórios de nações diferentes que vão da América do Sul (Brasil) à Europa (Portugal), com os arquipélagos de Açores e Madeira, a África ocidental e oriental

Para citar – e não seria demais – temos Angola, onde o português reina como língua oficial, convivendo com outros dialetos; Cabo Verde, com área de 4.033 km², onde é também língua oficial, convivendo com dialeto crioulo que mescla o português; Guiné-Bissau, com área de 36.125 km² onde é língua oficial,

utilizada na escrita, no ensino e na cultura, embora a população fale crioulo, uma espécie de português africanizado e cada tribo fale sua própria língua..

Na África Oriental, temos Moçambique, com 783.030 km² onde o português é língua oficial; São Tomé e Príncipe, com 964 km² onde o português, como língua oficial convive com dialetos nativos.

Na Índia (Goa, Damão e Diu), o português perdeu o seu espaço. Em Damão e Diu, o idioma oficial é o tâmil, mas fala-se um crioulo derivado do português.

Em Goa, fala-se konkani, marathi e português. Há quem diga que o português em Goa é uma língua quase morta.

Em Timor, apesar de todos os problemas políticos e da invasão de outro povo que procurou esmagar a língua portuguesa, o idioma ainda persiste.

Em Macau, território chinês que pertenceu a Portugal, onde os portugueses se fixaram em 1557, ocasião em que fundaram o núcleo urbano na cidade de Santo Nome de Deus de Macau, centro de comércio e de expansão do cristianismo, fala-se hoje o inglês e o cantonês e dialetos crioulos resultantes da interação do português com as línguas locais.

É óbvio que uma língua pode ultrapassar seu território com o despertar do interesse por ela entre povos de outras terras. Esse interesse, na maioria das vezes, não tem nada a ver com a sua musicalidade, com a sua simplicidade. Há, às vezes, a influência do poder econômico no deflagrar desse interesse.

É só comparar o poder dos EUA e o interesse pela língua inglesa. Em todo o mundo, estuda-se, aprende-se e fala-se inglês. Os produtos industrializados vêm com indicações escritas em inglês e seus manuais invariavelmente na mesma língua.

No que acabamos de dizer, não há intenção alguma de insinuar qualquer demérito quanto à beleza da língua inglesa.

O que queremos ressaltar é que o poder econômico de um país pode deflagrar o interesse por sua língua.

Störig, in *Aventura das línguas*, p. 173, perplexo diante do prestígio do Inglês, afirma: "É digno de reflexão, e até mesmo de espanto, o fato de que uma língua com uma ortografia tão complicada e arcaica tenha atingido a posição de idioma universal".

A perplexidade de Störig não tem razão de ser, tendo em vista o poder econômico da nação americana e também da inglesa.

Há aqueles que medem a importância de uma língua pelo número de falantes. É apenas um referencial que deve levar em conta a diversidade, ou não, espacial em que o idioma é falado.

Outro ponto muito discutido é a beleza do idioma. Que me leva a dizer que um idioma é mais bonito que outro?

Há quem diga que tal coisa é sentida, mas que não pode ser discutida. Ou seja, esse idioma é bonito e acabou-se a discussão.

O português, o espanhol, o francês, italiano, o russo já foram apontados como os idiomas mais lindos do mundo. Apesar de todos reconhecerem que são línguas muito bonitas, não podemos deixar de lembrar que se trata de avaliação subjetiva e não científica. Além do mais, considerando o número de línguas no mundo, seria impossível uma avaliação sobre todas.

Essas considerações preliminares têm como motivo principal uma pequena e linda língua com a qual tive oportunidade de um contato direto. Seu nome é muito curioso: papiamento. Os livros especializados lhe dedicam poucas linhas.

Vejamos um pouco do pouco que dizem.

Störig conta o episódio de um turista que, em Curaçau, ouviu o noticiário da rádio local num táxi. Ouviu muito interessado e, ao mesmo tempo, irritado. Reconheceu palavras em holandês e em espanhol, mas não conseguiu entender nada. Perguntou em inglês ao motorista que língua era essa e, ouvindo como resposta *papiamento* continuou sem nada entender. Como insistisse em saber que língua era essa, o motorista explicou: *Mixed language*..

Além dessa informação turística, o que Störig nos fala de papiamento é muito pouco ou quase nada.

Vejamos:

Esta língua, falada na ilha de Curaçau, nas Antilhas e nas ilhas vizinhas de Aruba e Bonaire em diversos dialetos, já mencionada no início deste capítulo, ela é bem documentada e pesquisada, sendo também utilizada como língua nos meios de comunicação. Na maioria das vezes, é considerada uma língua crioulo-hispânica, que evoluiu, a partir de um pidgin espanhol, mas em contraposição à influência espanhola pode-se notar uma influência portuguesa igualmente forte e, desde o domínio holandês houve uma relexicação que permite verificar a presença de um quarto de vocábulos de origem holandesa (p. 241).

Em *Les langues du monde*, escrito por um grupo de lingüistas, sob a direção de A. Meillet e Marcel Cohen, na nona edição encontramos apenas isso:

Em vários pontos do globo, o português, o espanhol e o francês em contato com línguas indígenas ou importadas (Antilhas) produziram diversos falares crioulos, espécies de línguas mistas, várias das quais têm sido bastante estudadas: negro-português das ilhas Cabo Verde e da Guiné Portuguesa; indo-português falado no Ceilão pelos descendentes dos colonos, o papiamento dos negros de Curaçau, crioulo do Haiti, da Reunion, da Ilha Maurício etc. (p.52)

Mais adiante, p.1099 e seguintes, encontramos no texto de *Les Langues du Monde* uma mais extensa sobre as línguas da América do Sul e das Antilhas. Creio que é ainda muito pouco.

O papiamento é a língua de Aruba e Curaçau. Assemelha-se demais ao português e ao espanhol. Muitas vezes, ao ouvi-la, crê-se que se está ouvindo a língua portuguesa. Trata-se de uma língua muito bonita, sonora, cantada. E o que mais impressiona é a sua simplicidade gramatical, típica de línguas avançadas. Nesse aspecto, sobrepuja o próprio esperanto. Sobre esse leva a vantagem de ser uma língua viva, falada por mais de 100.000 pessoas em Aruba e 200.000 em Curaçau.

Na verdade, a origem do papiamento – que significa *conversa* – está na mistura de vários idiomas, sendo um desses de natureza indígena: O aruaque.

Falado nas Antilhas Holandesas, onde o holandês é língua oficial, seria de supor-se que a matriz fosse o idioma holandês. Os autores divergem quanto à maior contribuição, achando uns ser do espanhol e outros do português, havendo um terceiro grupo de estudiosos que preferem dividir entre o português e o espanhol. Já se levantou a hipótese, sem comprovação, de ser o papiamento fruto do galego.

O que é indubitável é que o espanhol, o português e o galego do séc. XVII em especial estão na origem mais próxima do papiamento.

O curioso é que o português que chegou às Antilhas Holandesas não veio de Portugal, mas principalmente do Brasil, assim como o espanhol que ali aportou não veio só da Espanha, mas da Holanda.

Nos dois casos, eram, na maioria, judeus, uns expulsos do nordeste do Brasil junto com os holandeses.

Data de 1825, a mais antiga documentação da vida do papiamento, mas há notícias de frades franciscanos pregando em papiamento em 1776.

O fato histórico: a Holanda tomou, em 1634, Curaçau dos espanhóis e os expulsou, ficando na ilha apenas 75 índios falantes de tchikitu, língua indígena já influenciada pelo espanhol. A esses índios somaram-se colonos vindos da Holanda, a maioria falando espanhol, e mais tarde do Brasil, além de negros africanos da África Ocidental e do próprio Caribe.

Com certeza, a base do papiamento vem do espanhol; do português (e com certeza, o galego), do tchikitu, de línguas faladas na África Ocidental, do francês e inglês caribenhos (já bastante crioulistados) e, em menos escala, do holandês.

A família aruaque é uma das mais importantes – senão a mais importante das famílias lingüísticas da América do Sul. É, pelo menos, aquela que tem o mais vasto domínio. Realmente, encontramos representantes seus desde a extremidade meridional da Flórida ao norte até o Paraguai setentrional do Sul, desde o Oceano Pacífico (Costa Peruana) a oeste até a embocadura do Amazonas a este.

Nas Antilhas, no momento do descobrimento, o aruaque era falado, em todas as ilhas, grandes e pequenas. Nas pequenas antilhas, produziu-se um fato estranho. É que foram invadidas pouco tempo antes da chegada dos espanhóis,

pelos *karibes* da Guiana e a população aruaque foi repelida, empurrada para as montanhas. Os homens foram massacrados pelos invasores e as mulheres, obrigadas, tornaram-se esposas dos vencedores.

As histórias da história, de alguma forma, parecem repetir-se.

Dessa situação real, que constitui um fato social, surgiu um fato lingüístico muito importante: uma língua aruaque, reservada às mulheres e às crianças de tenra idade, coexistia com outra nitidamente karibe, falada apenas pelos homens.

O mais curioso em tudo isso é que tal situação não foi transitória. Perpetuou-se, em certos casos, até nossos dias.

Os aruaques das Antilhas são chamados pelos antigos autores com diferentes nomes. Em todas as pequenas antilhas, de Trindade a Porto Rico, eram chamados *alluag*, *ineri*, *ignesi*, *eyeri*, *kabre*; em Porto Rico, pelo nome de *borinken*; em Aruba, Bonaire e Curaçau, pelo nome de *kaketio*; no Haiti, pelo nome de *jaino*, nas Bahamas, pelo nome de *iukayan* e na Jamaica pelo nome de *yarmaye*.

O domínio da terra dos aruaques foi provavelmente a maior parte do baixo venezuelano e toda a costa atlântica entre a embocadura do Orenoco e do Amazonas. Foram, de maneira implacável, caçados antes da conquista pelos karibes. Restam, todavia, muitas tribos na região. Na ilha de Marajó, a tribo Aruá é aruaque.

Seria cansativo enumerar tantas outras tribos aruaques, como *waurá*, a *kustenai*, a *mehinaku* etc..

Não existe um estudo comparado dos diversos dialetos da família aruaque.

Pode-se, entretanto, classificar um certo número, segundo suas afinidades lingüísticas, em alguns grupos solidamente estabelecidos.

Esses grupos são:

1.º Grupo: Norte-amazônico que compreende quase todos os dialetos do Orenoco e dos afluentes setentrionais do Amazonas, o *goaxiro* da península Goaxira, o *yaulapiti*, o *mehinaku*, o *kustenaú* e o *waurá* do Xingu, o *paressi* e o *sareka* da Bolívia.

2.º Grupo: Pré-Andino que compreende o *ipuriná*, o *piro-contakiro-kuniba*, o *kanaman*, o *maniteneri*, o *inapari*, o *tuyunari*, o *sineneiri*, o *kampa*, o *apolista* e o *paliku-marawan*.

3.º Grupo: Boliviano que compreende o *baure* e seu codialeto o *mucoxeone*, o *moxo*, o *paikoneka* e o *paunaka*.

4.º Grupo: Aruá que compreende o *pama*, o *pamama*, o *pomari*, o *purupuru*, o *yuberi*, o *yamamadi*, o *kulina* e, como ramo divergente, o Guaná-Tereno-Layaná do alto Paraguai.

5.º Grupo: Guianês que compreende o *atorái*, o *malpidian* e o *wapisana*.

6.º Grupo: Aru-Pukina.

7.º Grupo: Takana.

Quanto à língua falada, pode-se chegar a uma classificação dos dialetos aruaques em 23 grupos. Seria cansativo enumerá-los e sem sentido quanto ao objetivo deste trabalho. Vale apenas ressaltar que um dos grupos é o das Antilhas.

O que é relevante na fala das Antilhas – no papiamento – são as contribuições do português, do espanhol, do holandês, do inglês e até do russo que formam a língua do Caribe.

Vejam os um pouco dessa língua.

As vogais são cinco: a, e, i o, u.

A pronúncia é simples e fácil de aprender, podendo ser resumida em poucas regras:

1. *dj* pronuncia-se como o y de yo dos argentinos.
Ex.: indjan (índio)
2. *h* é pronunciado com ligeira aspiração.
Ex.: hende (gente)
3. *zj* soa como nosso j.
Ex.: zjilex (jaleco)
4. As vogais se assemelham às espanholas, embora haja vogais abertas, havendo nesse caso a indicação. O /a/ se pronuncia como em português.

A acentuação é mais simples ainda.

Observe:

1. Verbos de mais de duas sílabas têm a tônica na última.
Ex.: desea (pronúncia: [deseá]).
2. Palavra terminada em consoante, a sílaba tônica é a última.
Ex.: ruman (=irmão) (pronúncia: [rumán]).
3. Dissílabos terminados em vogal são sempre paroxítonos.
Ex.: awa (=água) (pronúncia: [áwa]).
biña (=vinho) (pronúncia: [binha]).

Na morfossintaxe, a simplicidade é fantástica.

O verbo não se flexiona. Só muda o pronome.

O verbo *ta* significa *ser* ou *estar*.

Exemplos:

Mi ta: eu sou ou estou.

Bu ta: tu és ou estás

E ta: ele é ou está

Nos ta: nós somos ou estamos

Boso ta: vós sois ou estais

Nan ta: eles são ou estão.

O verbo *tin* significa *ter*.

Exemplos:

Mi tin

Bo tin

E tin

Nos tin

Boso tin

Nan tin.

Todos os verbos se empregam com o verbo *ta*.

Por exemplo: O verbo fazer é *haci*. Se quero dizer: eu faço, digo: *Mi ta haci*.

Os tempos são indicados pelas seguintes partículas:

1. pretérito perfeito : *a*

Ex.: *Mi a lesa e buki* = eu li o livro

2. pretérito imperfeito: *tábata*

Ex.: *Mi tábata lesa e buki* = eu estava lendo o livro, eu lia o livro.

3. o futuro: *lo*

Ex.: *Lo mi lesa e buki* = lerei o livro.

O plural dos nomes se processa com o acréscimo da partícula *-nan*.

Ex.: Señor - *Señornan*

Buki - *bukinan*

Observemos agora um cotejo simples para percebermos a semelhança com o português e o espanhol.

Papiamentu

Señor, Señora
 Señorman, Señoranan
 Bon dia, Señor
 Mi tin honor di desea Señor un dia felis

Cón ta bai, Señor?
 Bo ta bai cu mi.
 Mi tin un buki riba mesa

Mi bai drumi

Português

Senhor, senhora.
 Senhores, senhoras
 Bom dia, Senhor.
 Eu tenho a honra
 de desejar ao Senhor um dia
 feliz.
 Como vai, Senhor?
 Você vai comigo.
 Tenho um livro em
 cima da mesa
 Eu vou dormir.

O vocabulário apresenta-se a nós, estudiosos da língua, como um campo muito grande de observação.

Ex.: *drumi* = dormir. A forma *drumi* ocorre na fala interiorana do norte e nordeste do Brasil.

buki = livro. (cf. *book*, ing.)

nochi = noite (cf. *noche*, do esp.)

mihó = melhor (mió ocorre na fala popular do norte e nordeste)

bista = vista ([b/v])

tá di dia = é de dia.

habri = abrir

cente = acender (a forma *center* com aférese do /a/ é encontrada na fala nordestina)

cachó = cachorro.

tin bom noticia = há boa notícia.

Unda Señor ta bai? = Aonde o Senhor vai?

Ayera = ontem (cf. *ayer*, espanhol)

Mi ta de mal humor = estou de mau humor.

Bai habri porta = Vai abrir a porta.

Ta cuminsa bira lat (começa a ficar tarde. (cf. *late*, ing.)

Ta casi ora de bai drumi = Está quase na hora de ir dormir.

Té = chá

Pan = pão

muhé = mulher

Skol = escola (*school*, ing.)

Stol = cadeira (russo: *stol*)

Mi ta bai cu bo = Vou contigo.

Merka = América.

Mi tin dolor de cabes = tenho dor de cabeça (cf. esp. *dolor*; port. *cabeça*).

Pa favor = por favor.

Mi ta bom = Estou bom.

Bo ta bunita = Você está bonita.

Kuanto e ta kusta? = Quanto custa?

Na verdade, essa semelhança com o português não é mera coincidência. Seria longo transcrever textos para ressaltar esse fato, o que fugiria ao espaço deste trabalho.

O que ocorreu é que Curaçau foi o grande centro de comércio de escravos. Os nativos em contato com os portugueses foram incorporando à sua fala numerosos vocábulos.

Além disso, os primeiros colonos brancos em Curaçau foram judeus que haviam saído do Brasil por causa da Inquisição. É de se presumir que nos séculos XVII e XVIII o português era muito falado em Curaçau.

A partir daí, a contribuição do espanhol, inglês, francês e holandês terminou por dar, por formar o idioma que é o papiamento. A musicalidade, a simplicidade de sua estrutura morfossintática e de seu sistema fonêmico situaram o papiamento como uma língua moderna que precisa despertar o interesse dos lingüistas.